

## **História: uma “Ciência Nova” do século XVIII**

Jânio Gustavo Barbosa – PPG-UFRN  
Durval Muniz de Albuquerque Júnior - UFRN

Há muito tempo, diversos pesquisadores têm se dedicado a determinar a singularidade da História, discutindo acerca da própria História, tentando reafirmá-la enquanto Ciência e, nessa metalinguagem, perceber novas diretrizes que possam apoiar esta disciplina em um terreno mais concreto. Desta forma, os estudos acerca da teoria e da Filosofia da História são cada vez mais constantes fazendo da História, seu objeto de estudo.

A pesquisa que aqui se insere justamente nesta problemática que se mostra essencialmente importante para a História.

Esta discussão ganha um maior destaque a partir da segunda metade do século XIX, e na primeira metade do século XX, quando as Ciências humanas, especialmente a História e a Filosofia, discutiam sobre os métodos de pesquisa que as definiam, procurando delimitar novas formas metodológicas de investigação que as dessem um maior caráter científico. A esta altura, o “inimigo” a se enfrentar era o positivismo de Comte, que insistia em tratar as Ciências Humanas com procedimentos das Ciências Exatas e se baseavam no método Cartesiano de investigação para a pesquisa nestas áreas.

Diante deste cenário, filósofos como Wilhelm Dilthey, e historiadores como Marc Bloch, tentaram justificar novas formas de pesquisa no campo das Ciências Humanas através de escritos de alguns pensadores que “idealizaram” a História e a Filosofia, com métodos próprios e em seus respectivos escritos pleitearam um caráter de Ciência a estas disciplinas. Um destes pensadores, classificado por muitos historiadores e filósofos como precursor, foi o filósofo do século XVIII chamado Giambattista Vico.

Vico, atuou em volta nos séculos XVII e XVIII. Estes, foram de contínuas transformações na sociedade européia, que afetaram todos os seus setores sociais. Politicamente, o Velho Mundo, gradativamente, teve a formação e o estabelecimento do Estado Moderno, com

estruturas políticas e econômicas muito mais rígidas do que foram nos séculos anteriores. Economicamente, a Europa viveu com os lucros da Revolução Comercial de outrora e alguns países, especialmente a Inglaterra, começaram a se organizar em torno do que mais tarde, com o surgimento da máquina a vapor, dentre outras coisas, seria conhecido como Revolução Industrial. Intelectualmente e culturalmente tal continente foi agitado pelas conseqüências do Renascimento, tais como o Humanismo e o Racionalismo, bem como o Iluminismo, que mudaram em grande medida os conceitos da época principalmente sobre o papel do homem em sociedade e no seu reconhecimento como agente social, não mais sobre os ditames da Igreja Católica que por muitos séculos moldou a maioria dos discursos dos homens e conseqüentemente o seu agir em sociedade. Por esse motivo, foi comum durante esse período o grande debate filosófico acerca do homem, da sociedade, de Deus e da Igreja Católica.

Além disso, damos especial destaque às transformações científicas, não omitindo a contribuição da Itália nesse processo. A Itália mostra-se contagiada pelo espírito renascentista que lá se originara, efetivamente, a partir de meados do século XIV. São nos séculos XVII e XVIII, que se podem perceber as grandes contribuições deste país no mundo intelectual e científico. As universidades italianas, em grande medida por causa do Renascimento, sistematicamente, nos séculos referidos, foram palcos de debates científicos. Em relação a este fato, não se pode negar a importância de Nápoles nesse processo. Essa cidade estava nesse período incendiada pelos impactos da filosofia moderna e pelos seus desdobramentos. Foi em Nápoles que o debate acerca das proposições do matemático, físico e prosador francês, Blaise Pascal, se tornaram intensos, no que se refere a sua teoria sobre o vácuo e ao seu pensamento misticista. Foi nesta cidade italiana, que se viu a atuação de Giordano Bruno. Filósofo italiano que foi efetivamente um contestador da autoridade dogmática da Igreja de seu tempo. No seu dizer, a autoridade não está fora de nós, mas dentro de nós. Monista<sup>1</sup>, muito mais do que os outros naturalistas, identificou Deus com a substância do universo, negou a existência de uma

---

<sup>1</sup> Doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, quer do ponto de vista da sua substância (e o monismo poderá ser um materialismo ou um espiritualismo), quer do ponto de vista das leis (lógicas ou físicas) pelas quais o Universo se ordena (e o monismo será lógico ou físico).

esfera exterior a este nosso mundo; “este, uma vez identificado com a divindade, devia ser infinito, e em decorrência se podia imaginar outros e outros mundos, com os respectivos sóis”.

Além destes pensadores, podemos destacar em Nápoles, a atuação de Bernardino Telésio - (1508-1588), um dos filósofos italianos, dos mais destacados em seu tempo sendo um dos principais representantes do platonismo da Renascença; de Pierre Gassendi, filósofo que se preocupou com observações científicas e astronômicas, divergindo de Descartes, sendo um primeiro cartesiano dissidente; de Descartes, considerado o inaugurador da nova fase da filosofia moderna, dada a ação mais significativa do seu livro *Discurso do método*, de 1637, no qual discutia acerca da aplicabilidade e da metodologia das disciplinas de sua época.

É neste contexto intelectual, que surge na História Giambattista Vico (1668 – 1744), que escreveu “Ciência Nova”, livro que propõe uma nova interpretação da História diante das posições desenvolvidas, principalmente, por Descartes.

Giambattista Vico foi um filósofo, historiador, poeta que em seu tempo foi esquecido, negligenciado, omitido e poucas foram as demonstrações de reconhecimento diante de suas produções literárias acerca do desenvolvimento do homem e das Ciências Humanas.

Vico foi um homem inscrito na Modernidade, influenciado pelas idéias vindas do Renascimento, pelos valores do Barroco e diversas vezes em sua obra, percebe-se o traço humanista nos seus escritos. Mesmo com a sua descoberta tardia – no final do século XIX e início do século XX - Vico vai ser considerado antecessor de várias questões que norteiam o estudo da História atual. Já no século XVIII, século este inundado pelas idéias geométricas e matemáticas de Descartes, Vico reivindicou a elaboração de um método próprio para o estudo e investigação das Ciências Humanas e na direção deste processo colocou a História com destaque, afirmando que no estudo dos povos antigos o cientista tem que entendê-los segundo a lógica deles e não a do pesquisador e refaz, segundo seus métodos, a História dos povos, reelaborando conceitos e dando ênfase ao caráter singular da História.

Vico propôs novas formas de atuação e se contrapôs a Descartes construindo os fundamentos e estabelecendo bases de uma “Ciência Nova”. Separou, no plano teórico, a História e a natureza, isto é, afirmava que o homem só podia conhecer aquilo que fabricava e que, portanto estava apto a conhecer a História, ao contrário da Natureza, plano no qual o homem não tinha autonomia para conhecê-la já que não a construiu.

Propôs uma interpretação da História além do esquema teológico, teleológico e matemático imperantes naquele momento. Vico, apesar de ser do século XVII e produzir no século XVIII, teve sua obra retomada apenas nos séculos XIX e XX por meio de estudos que objetivavam, sobretudo a afirmação da História enquanto Ciência, ou seja, no contexto do cientificismo, coisa que já era afirmada pelo autor napolitano.

Assim, o estudo desse pensador torna-se de grande importância não só por sua oposição ao método cartesiano, que aquela altura era praticamente de aceitação unânime, mas por entender que Vico aborda questões que fariam parte, como hoje fazem, da metodologia da História como um todo. Além disso, Vico é retomado pelos historiadores do século XX como referencial na “disputa” das Ciências Humanas por métodos singulares de investigação o que torna o seu estudo mais importante ainda no entendimento da própria formação de uma filosofia da História.

Ao tomar contato com sua obra ou com analistas que tratam dela, o historiador atual se surpreende com tamanha “atualidade” das idéias deste pensador do século XVIII, sendo por isso, talvez, que se tenha construído aquilo que o historiador Peter Burke vai chamar o mito de Vico, isto é, o “desejo supremo” de transformar Vico em um “gênio”.

Este trabalho, que se encontra nos seus primeiros passos, e se torna peculiar porque tenta perceber Vico como um historiador preocupado em entender as transformações ocorridas como os povos, preocupado também em discutir os métodos de sua época, e conscientemente ou não, inaugurar uma nova forma de se ver a História, de lhe dar com os documentos e, portanto, de conceber o passado.

Além disso, o entendimento das teorias de Vico se torna condição essencial no entendimento da própria História. Os seus projetos, a sua forma de perceber o tempo e as relações humanas nele inscritas, deixaram um legado que até hoje os historiadores usam constantemente em suas respectivas pesquisas.

Entender Vico é entender o seu mundo, o que o rodeava, o que lia, o que estudava e o que tomava como certo ou errado. Vico foi incentivado, pela sua oposição ao sistema cartesiano, a reavaliar as análises dos Antigos – especialmente as dos homens do período clássico – e comparar com os da Modernidade, percebendo semelhanças e diferenças entre as duas eras (fases). Para tanto, Vico toma contato com diversas obras para realizar seus estudos acerca do homem e tem clara influência de quatro grandes autores: Platão, Tácito, Bacon e Grócio (Grotius), cada um desses autores foi “tomado por Vico” segundo um aspecto para o molde de sua obra e constituição da sua Ciência Nova.

Dada a sua importância, diversos foram os autores que analisaram Vico e por sua obra ficaram encantados. Jules Michelet (1798 – 1874), ficou entusiasmado com a obra de Vico tratando por considerá-lo um profeta e claramente o pôs como seu grande mestre influenciador, sendo um dos primeiros a estudar a obra de Vico e difundi-la na Europa, principalmente pela França. Karl Marx leu Vico e em 1860, segundo o historiador Peter Burke, recomendou o livro Ciência Nova a um dos seus correspondentes, como um livro que continha “muitos vislumbres de gênio”. Além destes, Wilhelm Dilthey retoma a obra de Vico como justificativa para a singularidade do pensamento humano, por ocasião do grande debate, aqui já referido, entre os positivistas e os autores que reivindicavam o estudo das Ciências humanas segundo métodos próprios. Assim também, R.G. Collingwood, historiador inglês, admitiu que fora influenciado por Vico. Benedetto Croce, na mesma forma que Collingwood, estuda as obras de Vico, focalizando a maneira singular que o autor napolitano trata as Ciências Humanas e as diferencia das Ciências naturais e tem nele um dos seus grandes influenciadores.

Nesse mesmo prisma, autores contemporâneos têm se dedicado a estudar as obras de Vico, procurando nelas meios comparativos com a teoria hoje aplicada as fontes históricas e ao tratamento da História com o seu objeto de estudo, ou seja, as relações humanas no tempo.

Isaiah Belin (1909 – 1997) em seu estudo sobre Vico, atribuiu a ele o mérito de ter defendido o valor da “vida culta e da cultura” (Guido, H. 2004.), rebelando-se contra a crescente “padronização do comportamento humano”. Já Peter Burke, historiador inglês, em sua obra – Vico – traça as principais características do autor e estuda alguns temas como direito, História e poesia na obra *Ciência nova* do autor supra citado.

Humberto Guido faz um estudo acerca da filosofia e a educação segundo as concepções de Vico em três de suas obras: a sua autobiografia, a obra “*a antiga sabedoria dos Italianos*” e a *Ciência Nova*.

Outros autores brasileiros se dedicaram a analisar a obra de Vico, como o caso de Antônio Candido e Alfredo Bosi que estudam Vico investigando a sua lógica poética, ressaltando a sua contribuição para o entendimento da poesia primitiva. Já Miguel Reale discutiu a importância de Vico no estudo da teoria do direito natural e Valério Rodhen estudou Vico, identificando a proximidade entre o pensamento do autor napolitano e Kant, bem como, Raul Fiker realiza um trabalho muito parecido com o que o historiador Peter Burke fez em sua obra, apontando alguns aspectos da obra de Giambattista Vico e evidenciando as suas interpretações a cerca da sociedade.

A análise da obra de Giambattista Vico provoca uma série de questões em que se pode traçar não só o lugar das Ciências Humanas no século XVIII, como também, demonstrar a argumentação do referido autor no sentido de conceder à História um papel central nesse processo e que, portanto, podem ser respondidas a partir da análise da “*Ciência Nova*”, ao lado de uma bibliografia específica.

Desta forma Vico contribuiu, delegando uma nova metodologia para o escopo da filosofia da História e das Ciências humanas no século XVIII, demonstrando a peculiaridade do

saber histórico. Propôs uma reformulação nos meios de pesquisa e na sua obra – *Ciência Nova* – sistematizou o que para ele seria um viés de interpretação e investigação do homem e da mente humana respectivamente.

Pelas assertivas acima, a pesquisa aqui tratada, está apenas em seu começo. Este estudo apresentado, trata-se de um breve ensaio, evidenciando as intenções desta pesquisa e as perspectivas deste trabalho que se configura de importância impar para o estudo da historiografia moderna.

Vico, nos trouxe a capacidade de perceber um discurso, no caso o Cartesiano, de outra maneira, de uma forma que lhe desse a condição de separar a categoria de Ciência em outras, alocando a História um papel especial, único e singular. Vico, torna o velho discurso novo o toma de uma nova forma e a partir disso reage a um estímulo lançando uma contra argumentação que acaba por lhe fundamentar. Vico, confirma a conclusão de Michel Foucault no qual: “não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar. Conjuntos ritualizados de discursos que se narram conforme circunstâncias bem determinadas [...] O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.